



Necker

A historia de Necker, tão estreitamente ligada com a dos primeiros tempos da revolução franceza, demandaria largos desenvolvimentos; mas é força reservá-los para uma noticia especial, visto como sómente cabe apresentar aqui uns breves traços, a proposito do retrato que hoje pomos diante dos olhos dos leitores.

Jacques Necker nasceu em Genebra no anno de 1734. Começou por ser guarda-livros de Thélusson, banqueiro de Paris; como, porem, manifestasse grande sagacidade, e tivesse occasião de prestar um bom serviço á casa bancaria, veio a ser socio da mesma, e a adquirir, no espaço de 12 a 15 annos, uma fortuna consideravel.

Em 1769 publicou uma obra ácerca da companhia das Indias; em 1773 compôz o *Elogio de Colbert*, que a Academia Franceza coroou. — Se este ultimo escripto recommendou o nome de Necker debaixo do ponto de vista litterario, — é certo que a sua reputação de economista foi estabelecida pelo livro que depois deu á luz: *Sur la législation et le commerce des grains*.

Em 1777 foi nomeado contador-mór, ou ministro da fazenda (*contrôleur général des finances*) — aliás em circumstancias muito criticas, pois que as cousas da fazenda estavam no maior apu-

ro. — Em 1781 deu um passo muito decisivo, publicando um relatorio da sua administração, que ficou assignalado na historia com a denominação de *Compte rendu* — a primeira obra que em França noticiou o estado da receita e despeza. — Em maio desse anno, obtendo a sua demissão, retirou-se para a sua baronia de Copet, onde aproveitou o ocio para compôr a obra sobre a *Administração da fazenda*. — Em 1788 foi chamado á direcção dos negocios da fazenda; e no fim desse anno apresentou ao conselho o famoso relatorio sobre a formação dos *Estados Geraes*, «faisca, diz um adversario de Necker, que pôz fogo nas materias combustiveis que de longa data estavam preparadas.» — Em 5 de maio de 1789 coube-lhe a honra de proferir o discurso da abertura dos Estados Geraes. A 11 de julho do mesmo anno foi demittido pela Corte, e pouco depois reintegrado pela Assembléa Nacional; mas em setembro de 1790 foi obrigado a sair de França — tendo já então perdido a extraordinaria popularidade que seu nome havia grangeado. — Retirou se á vida particular na sua bella propriedade de Copet, compondo ainda e publicando alguns escriptos.

Falleceu em Genebra no dia 9 de abril de 1804.

Necker foi o pae da muito celebre e talentosa M.^{me} de Stael.

Opportunamente nos occuparemos de Necker, e da sua illustre filha, com o necessario desenvolvimento.

A GALATÉA MODERNA

(Continuado de pag. 148)

XXI

A walsa

Correram tres mezes. Alfredo era conhecido e havido pelo amigo da casa do barão, e as más linguas mundanas, destas que não perdoam escandalos, porque andam sempre em busca delles, affirmavam com sobrado fundamento, que o amigo do marido era tambem amante da mulher.

O caso era que, aonde apparecia a baroneza, apparecia logo Alfredo. As vezes chegava este em primeiro lugar, e outras vezes chegavam os dois ao mesmo tempo. O barão é que faltava muitas vezes, pelos muitos negocios, que trazia entre mãos.

Alfredo parecia ter attingido as raias do delirio e da loucura, tanta era a prodigalidade com que gastava a vida. Lançava dinheiro por sobre os regaços esfaimados de todas as dançarinas. Nem os altos cothurnos escapavam ao seu furor de conquistas, e por toda a parte, nos theatros, cafés, clubs, salões particulares, se fallava d'elle, do seu luxo, do seu *espírito*, da affabilidade do seu trato e mais qualidades, com que folgavam os parasitas e lucravam os fidalgos endinheirados, que davam bailes e festas, e não sabiam *fazer as honras da casa*. Alfredo era para tudo. O seu espirito infatigavel, e o seu ainda mais infatigavel corpo, pareciam gosar do dom da ubiquidade; eram inexauriveis. Tornara-se Alfredo o rei da moda, o leão por excellencia, o estalão pelo qual se aferiam os que tinham pretensões ao bom tom e a darem na vista. Para Alfredo não havia Lucrecias nem Virginias. Nos bailes, quando as mulheres mais bellas se agrupavam formando um *açafate de flores*, como diria qualquer poeta alambicado e gongorico, Alfredo tinha a dificuldade da escolha, porque os olhos das formosas não o largavam, antes o perseguiram com aquella lubricidade, que produz a atmospheria calida e abafadiça dos bailes.

A baroneza, emtanto, não perdia o seu poderio, apesar das muitas infidelidades commettidas por Alfredo.

Violante, arrastada por um ciúme infernal, que mal saberia motivar; sentindo o remorso de haver despresado o amor offerecido por Alfredo; ferida no seu orgulho de mulher formosa, lançou-se no turbilhão com a esperanza de captivar Alfredo e de se vingar, fugindo-lhe outra vez, quando elle julgasse ter-lhe conquistado o alvedrio.

Baldado, porem, foi o seu empenho, que não sortio o desejado effeito. Alfredo cortejava-a, conforme mandam os preceitos da mais rigorosa ci-

vilidade. Nestes cumprimentos o muito que alguem podera notar, fôra uma certa frieza ironica; mas, por maior que fosse a perspicacia do observador, jámais encontraria, outra cousa senão que Alfredo parecia ter esquecido o passado, para se entregar aos prazeres, que o presente lhe offertava com prodiga mão.

Uma noite, quando o baile ia mais crescido, e a orchestra, attingindo toda a força, tocava uma walsa rapida, capaz de arrojarse num vortice, a cabeça mais fria, e as pernas menos ageis e mais tropegas e tardas, Alfredo passou por defronte de Violante, que estava conversando com uma senhora já de annos, matrona respeitavel, que ia aos bailes com a louca esperanza de dançar ainda uma vez, antes de se despedir do mundo para sempre.

Alfredo parou derepente, fitou Violante e convidou-a. A gentil senhora hesitou um momento; sentia o rosto afogueado, e como que o corpo lhe tremia de emoção. Por um pouco esteve para recusar; passou-se-lhe uma nuvem pelos olhos; mas erguendo-se derepente, sem proferir uma palavra, encostou-se a Alfredo, e ambos partiram, ambos se engolpbaram no rodopio.

Violante, como todas as mulheres nervosas, sentindo-se enlaçada pelos braços do homem que adorava, ia pallida, cabeça um pouco pendida, olhos quasi cerrados, boca semi-aberta, por onde saía a respiração tenuissima, que inebriava os sentidos de Alfredo.

A walsa era uma daquellas musicas de Weber, a um tempo ardente e melancolica, que infundem n'alma um triste pensar, e nos revocam para as regiões ignotas da harmonia perenne, ao passo que a melodia nativa, singela, que, de quando em quando, por entre as notas saltitantes se ouve, como um queixume de amor, obriga-nos quasi a parar e a olhar para o céu.

Alfredo, segurando Violante, que se dobrava como um vime; mergulhando os olhos nos della, como em um pelago profundo, foi a pouco e pouco esquecendo o ruido, e os espectadores, para se entranhar, sem o querer, nas ondas da musica.

Alfredo já não podia soffrer o ardor que o ia accommettendo. Fiado da frieza do seu character, e mais que tudo, da energia da sua vontade ferrea, quiz sustentar o ultimo combate com Violante e vencel-a com o doudejar da walsa. Mas esse doudejar é arma perfida de dois gumes. Ambos ficaram feridos. No voltear rapido, na insensatez do movimento, como que entrevio uma visão do passado, visão cheia de amor e felicidade, visão infavel, em que Violante, encostando a cabeça ao peito d'elle, fitando os olhos melancolicos e humidos lhe dizia: «*amo-te*», e logo, escondia o rosto entre as mãos, as quaes se orvalhavam com as lagrimas da ventura e castidade, que ella chorava.

Por isso, deslembrando o presente e tudo que o cercava, apertou Violante contra o peito, e confundindo ambos a respiração, parecia que escorregavam como dois phantasmas, sobre o tapete. Os dois corações, batendo unisonos e apressados,

como que se fallavam e casavam no mesmo delirio. Era uma embriaguez cheia de voluptuosidade, lucida, em que os nervos se sobreexcitavam e fremiam, acordando sensações ignotas. Era um delirio, aquelle revoltear vertiginoso. E a musica resaltava em cascatas sonoras, e as notas atropelavam-se, e confundiam-se como se o dilirio as estivesse instando tambem; e as rabecas ora soluçavam em tremulos maviosos, ora espraivavam harmonias impetuosas, ardentes, como se as cordas fossem sacudidas por milhões de diabretes, que sobre ellas pulassem, saltassem e rangessem os dentes em invisivel orgia. Alfredo o Violante apressavam então o movimento ainda, e lançavam-se, com mais força, no turbilhão. Os olhos afogueados do manco chammeavam ao tempo que a pallidez do rosto de Violante denotavam os paroxismos do delirio.

E saltavam, saltavam, voavam, como as folhas seccas, que o vulcão varre impetuosamente. Sentiam-se tismados por uma febre interior. Era lhes necessario o movimento para se endouarem.

Na frente, no seio e nos braços de Violante brilhavam diamantes, que reflectindo a luz, feriam a vista de Alfredo e luziam como os olhos faiscentes de uma multidão de gnomos, que parecia incitarem-no ainda mais.

Já os mais robustos tinham parado para descansar, antes de revoltearem de novo, e os dois giravam cada vez com mais ancia. Era uma loucura, um paroxismo. Luzes, moveis, portas, espectadores, tudo girava com elles, tudo os perseguia, tudo lhes estava gritando: mais depressa! mais depressa! Já não pertenciam á terra. Respiravam fogo, viam-se envoltos em uma atmosphera volcanica.

Se Alfredo fraqueava um pouco, Violante firmava a ponta dos pésinhos e dava novo impulso. E os dois voavam, voavam, e tudo lhes bradava, no meio de um ruido confuso: mais depressa! mais depressa!

Em um desses impetos, Violante, louca de amor, transportada ao céu, vendo-se apertada nos braços de Alfredo, abrindo os olhos, ciciou, no meio do turbilhão: amo-te! amo-te! e como se a musica quizesse casar-se com a harmonia da sua voz, ou futurar-lhe desgraças, emmudeceu de repente, e só se ouviu a nota sumida e plangente de uma rabeca, soltando uma melodia tão tenue e tão triste, como o suspirar da brisa em tarde de outono.

Violante pallida, inclinada, encostou-se a Alfredo. Fugio-lhe a vida com aquellas palavras, que proferira. Alfredo parou. Olhou pasmado e absorto em roda. Tudo se lhe afigurava ignoto e desconhecido, e nos rostos offegantes e extaticos dos convivas estava representada — a admiração.

Acordára de um sonho de amor.

A baroneza, que estivera raivando, atravessou então o grupo, e dirigindo-se rubra de ciúme e colera para o par, abrindo os olhos, que faiscaíram, chegou a boca ao ouvido de Violante, e disse-lhe:

— Nega ainda que o amas, perfida.

Violante soltou um suspiro; mas erguendo-se de todo, e medindo a baroneza, voltou-lhe as costas e apoiou-se no braço de Alfredo, que a conduziu ao seu lugar.

(Continua)

A. OSORIO DE VASCONCELLOS.

A BASTILHA.

(Continuado de pag. 159)

III

Consideremos agora a Bastilha debaixo do aspecto de prisão d'Estado. É a sua face terrivel.

O primeiro preso que ali se encerrou foi, como já dissemos, o seu proprio fundador Hugo Aubriot. O ultimo foi um preso voluntario. Réveillon, fabricante de papeis pintados, tendo excitado a colera do povo por algumas phrases menos pensadas, e tendo visto a sua fabrica incendiada, pediu e obteve ser admittido na Bastilha, para se pôr a abrigo da revolta.

Luiz XI foi quem principiou a povoar as masmorras da Bastilha. Jacques d'Armagnac, duque de Nemours, ali esperou a sua sentença de morte. No tempo de Henrique IV a Bastilha vio nos seus muros Biron, accusado de alta traição. Tambem este preso de lá saio para o cadafalso.

No reinado de Luiz XIII, o seu primeiro ministro, o cardeal de Richelieu encheu a Bastilha com os representantes das primeiras familias da França, inimigos do seu systema nivelador. Ali estiveram longos annos retidos o marechal de Bassompierre, o conde de Roussy, o conde de la Suze, o marquez de Oleguier, o abbade de Foix, o abbade de Beaulieu, seu irmão Dorval-Langlois, Vantier, primeiro medico da rainha-mãe, o cavalheiro de Montaigu, o marechal de Ornano, o conde de Cramail, o cavalheiro de Marincourt, o cavalheiro de Grignan, e quantos mais! Cançariamos o leitor se quizessemos escrever a lista completa dos personagens que esse grande mas implacavel ministro arredou com o pé, como obstaculos ao seu systema, para os precipitar nas masmorras da Bastilha.

No principio do reinado de Luiz XIV, o ministro Fouquet, accusado de concussão, ali esteve prisioneiro, sendo transferido para Pignerol. Depois, quando succederam os celebres casos dos envenenamentos, que espalharam o terror em Paris, que necessitaram a fundação de um tribunal especial, envenenamentos nos quaes, com geral espanto, se achou que estavam implicados os primeiros personagens da cõrte, muitos destes, ou antes muitas destas porque eram damas principalmente as accusadas, foram tambem encerradas na Bastilha. Contavam-se neste numero as condessas de Soissons, de Roure, de Polignac, a duqueza de Bouillon! Luiz XIV assustou-se afinal com estas accusações que subiam tão alto, tão alto que attingiam quasi o throno, e que o feriam até nas suas mais doces affeições, porque essa lama ensanguentada salpicava as proprias vestes da sua estremecida amante M.^{me} de Montespan. Preferindo uma indulgencia plenaria a uma severidade que parecia dever despovoar a cõrte, Luiz XIV

abriu as portas da Bastilha ás presas, e poz uma pedra sobre esse lugubre negocio. A marquez de Brinvilliers foi a victima expiatoria desta intrincadissima teia de crimes, e o que mais é, a posteridade, habitualmente implacavel, tambem a considerou como bode emissario, e fez-lhe uma reputação de monstro, reputação para a qual ella contribuiu em grande parte, devemos confessal-o, mas a que tambem deram alguns accrescentamentos outras reputações, que pompeiam diante da historia a sua immaculada pureza.

Na regencia de Philippe de Orleans, principe devasso mas indulgente, a Bastilha tambem se encheu de grandes fidalgos; a conspiração Cellamare povoou as cadeias. Mas todos sabiam tanto que não tinham a temer um sinistro desenlace á sua detenção, que transformaram a sombria fortaleza, com grande espanto dos outros prisioneiros, num logar de divertimento e de enredos amorosos. M.^{me} de Staal, uma das conspiradoras, ali passou o mais bello tempo da sua vida, como ella o confessa nas suas memorias, graças aos seus amores com outro preso, o cavalheiro Dumesnil. Graças á sua belleza e elegancia, o duque de Richelieu, o homem das boas fortunas, teve ali verdadeiras ovações. As mais lindas mulheres de Paris iam estacionar de carruagem nas ruas proximas da Bastilha, para o verem no terraço á hora do passeio. O duque de Orleans achou melhor pô-los todos em liberdade. Voltaire tambem lá esteve algum tempo durante a Regencia, e tambem a sua prisão, longe de lhe ser martyrio, deu-lhe solidão e vagar para compor a sua epopéa da *Henriade*. É verdade que essa epopéa é fria como as paredes do carcere onde foi escripta.

No reinado de Luiz XV a perseguição do governo começou a cair sobre os escriptores, e sobre os magistrados. As idéas revolucionarias principiavam a fermentar nos espiritos. Os escriptores deixavam de ser cortezãos e servís, e manifestavam grande independencia de pensamento. Os ministros pensaram em corrigir essas demasias com a Bastilha. Entre outros o sapiente abbade Lenglet-Dufresnoy foi quatro vezes encarcerado. Os parlamentos manifestavam velleidades de resistencia. Quebrou-lhes o impeto a Bastilha ou o exilio. Só duma vez esteve encarcerado quasi todo o parlamento da Bretanha.

Durante esse reinado foi a Bastilha testemunha duma das maiores iniquidades da realza. Dois governadores de colonias lá estiveram presos; um saio livre e opulento, outro saio para o cadafalso. Era este o innocente, era aquelle o culpado. Lally-Tollendal, o heroe da India, victima das odiosas intrigas daquelles cuja corrupção punira, teve a cabeça cortada. No reinado de Luiz XVI reconheceu-se oficialmente a sua innocencia, e foi rehabilitada a sua memoria. O outro, Mahé de La Bourdonnais, governador da ilha de Bourbon e da ilha de França, accusado de concussão, restituiu dezoito milhões ao thesouro publico, distribuiu talvez o dobro por aquelles que lhe abriam as portas do carcere, e saio livre, e conservan-

do ainda, segundo se diz, oitocentos mil francos de rendimento.

No celebre e escandaloso processo do Collar da Rainha, a Bastilha recebeu, entre muitos outros criminosos secundarios, o celebre Cagliostro, e um membro duma das primeiras familias de França, o cardeal de Rohan. Ainda em 1788, pouco antes da revolução, ali foram lançados doze commissarios enviados pelos Estados da Bretanha para protestarem contra o despotismo dos governadores reaes. Mas a opinião publica já então exercia uma grande pressão sobre o poder, e a opinião publica indignou-se. Os doze enviados foram soltos e reconduzidos em triumpho á sua provincia.

De grandes iniquidades, segundo vemos, foi executora a Bastilha, mas, ainda assim, não são estas as maiores. Eram ao menos commettidas em pleno dia, á luz do sol, e o governo tomava perante a opinião publica a responsabilidade dos seus actos. Mas a grande macula que ennodou a Bastilha, e o grande crime da realza era aquelle de que a velha fortaleza de Carlos V tinha de ser muda confidente, aquelle que as suas muralhas espessas tinham obrigação de esconder aos olhos dos contemporaneos, mas que não poderam esconder ao olhar e á indignação da posteridade. Queremos fallar das ordens de prisão secretas, que tinham o nome de *lettres de cachet*.

Assim de subito desaparecia do seio da sua familia, da convivencia dos seus amigos um homem. As maiores pesquisas não podiam revelar o motivo dessa desaparicação. Tragára-o a Bastilha, e nem a indiscrição dos carcereiros podia revelar a sua existencia ali, porque entrava, quando assim era necessario, debaixo dum nome supposto, porque era o ministro quem indicava o nome debaixo do qual devia ser enterrado, se por acaso morria, porque só o ministro podia dar licença que se tratasse com um medico, se estava doente, que chamasse um confessor se estava moribundo. E eram grandes criminosos os infelizes assim tratados? não; muitas vezes não. Uma *lettre de cachet* obtinha-se com a maior facilidade. Uma favorita julgava-se insultada por uma quadra maliciosa? O poetastro infeliz era agarrado uma noite em segredo, conduzido á Bastilha, e lá morreria olvidado, se esse poetastro não se chamasse Latude, e se as suas repetidissimas evasões não lhe dessem uma celebridade immensa. Um pae tinha motivos de queixa de seu filho? Obtinha uma *lettre de cachet*, e o infeliz mancebo lá morreria esquecido, se não se chamasse Mirabeau, e se a sua voz, já então trovejante, não reboasse atravez das paredes da Bastilha. Um confidente perigoso dum trafico infame, de que o proprio rei era cumplice, ameaçava ser indiscreto? Uma *lettre de cachet* sepultava-o na Bastilha, donde saia apenas quando o povo desmoronava a fortaleza. Esse homem era Le Prévot de Beaumont, um dos agentes do *Pacto da fome*, pelo qual Luiz XV especulava com a miseria dos seus subditos. Vinte e dois annos jazera esse desgraçado no segredo, sem que os seus

parentes e amigos conhecessem o segredo da sua desapareição.

E o *Mascara de ferro*, captivo mysterioso, a respeito do qual a historia e o romance teem feito supposições tão variadas! Que immenso infortunio se escondia debaixo daquelle segundo carcere que lhe represava o pensamento, debaixo daquelle muralha metallica, onde estava encerrado um rosto humano? Que lagrimas amargas, que dolorosas contracções agitariam essa physionomia velada pela face impassivel do bronze? Oh! esse mysterio infernal basta para macular a purpura de Luiz XIV, para apagar aos olhos da posteridade justiceira a lembrança das grandes acções que illustraram o seu reinado!

Ainda estes são celebres, ainda ao menos ou debaixo do seu nome verdadeiro, ou debaixo de

um cognome mysterioso, sentiram cair sobre o seu pobre tumulo os prantos das gerações! Mas a quantos não envolveu o olvido na sua negra muralha; quantos não morreram para a historia, como haviam morrido para o mundo! Pense-se que só na occasião das dissensões entre jesuitas e jansenistas obtiveram aquelles mais de oitenta mil *lettres de cachet* contra os seus inimigos!

Dizem alguns historiadores que o povo não tinha motivos de odio contra a Bastilha, porque a Bastilha só fôra fatal á nobreza. Que importa? A Bastilha era o arbitrario, era a armadura de ferro do despotismo. Desmoronando-lhe as muralhas, quebrou o encanto, mostrou ao mundo que o despotismo só triumpho, quando o povo não tem consciencia dos seus direitos e da sua força.

M. PINHEIRO CHAGAS.



Os indigenas de Nootka Sound.

Nootka Sound é uma grande bahia nas praias orientaes da ilha de Quadra e Vancouver — na costa noroeste da America septentrional. Cumpre, porem, notar que Humboldt, na sua obra acerca do Mexico, diz que, segundo a viagem feita pelos hespanhoes Espinosa e Cevallos, esta bahia não está na grande ilha, mas sim em uma mais pequena, separada da Quadra e Vancouver pelo estreito de Tasis. É certo que se divide em muitas pequenas bahias, ou angras. Em uma dessas angras esteve, por algum tempo, o famoso capitão Cook,

na sua ultima viagem, dando-lhe o nome de Friendly Cove, angra amigavel e bemfazeja, porque, sem embargo de ter uma estreita entrada, offerecia seguro ancoradouro, rodeada, como está, de montanhas povoadas de arvoredo. Ali assentaram os hespanhoes um estabelecimento em 1789, que não pôde ser por elles sustentado, em rasão de se opporem os inglezes, — os quaes mantiveram depois, por algum tempo, o estabelecimento, mas por fim abandonaram.

Os naturaes de Nootka Sound assemelham-se aos

Esquimãos, e são pouco superiores aos habitantes da Terra do Fogo. Teem a triste reputação de serem desagradavelmente feios e mal feitos, tanto os homens como as mulheres; e de tal modo se pintam, que é difficil conhecer-se-lhes a côr da pelle; e até o vestuario e os enfeites os tornam desairosos e repugnantes. — Para se formar uma idea do atraso de sua civilização, basta dizer que não pôde o Europeu entrar nas suas miseraveis vivendas, em consequencia do máo cheiro do peixe, do azeite que daquelle extraem, e do insupportavel incommodo do fumo. — Em compensação deste pouco lisongeiro esboço, devemos dizer que não são ferozes, nem traiçoeiros, — antes trataveis e bondosos. Logo na primeira vez que viram europeus, não deram mostras de espanto, nem de temor; mas tambem não mostraram o menor indicio de curiosidade, — que ao menos revelaria um tal ou qual desenvolvimento de intelligencia. — Sustentam-se do producto da caça e da pesca; servindo-se, aliás, de armas, instrumentos e utensilios imperfeitos, — como imperfeitos são os seus usos e costumes. — A darmos crédito ao que se tem dito, teem estes indigenas muita habilidade para a esculptura e para o desenho; embora não sejam muito elegantes, senão muito toscas as duas figuras cortadas na madeira que a nossa estampa apresenta, e têm o caracter de ornato, e por modo algum de idolatria.

Corre tão apressada em nossos dias a civilização, — que é dado esperar que tambem chegue por fim áquellas paragens, tão afastadas, quanto pouco favorecidas da benignidade do clima, e das demais vantagens da posição geographica.

LORD BROUGHAM

(Continuado de pag. 128)

IV

A reacção de 1815 foi fatal á liberdade. Os reis arrebanharam os povos contra o despota filho da revolução, e os povos seguiram-nos cegamente vendo em Bonaparte apenas a personalisação assustadora do genio da guerra, e não pensando que este despota era por fim de contas, apesar dos seus erros, a democracia no throno. O ultimo tiro de peça de Waterloo saudando os funeraes do imperio, celebrava tambem por quinze annos as exequias da liberdade. A Santa-Alliança foi o producto dessa liga de monarchas, a sangui-nolenta repressão das revoluções de 1820 foi a consequencia desse engano dos povos. Por instantes se julgou que a emancipação popular, filha immortal da republica franceza, succumbiria calcada aos pés dos cavallos kalmukos. E como não se pensaria assim se a Inglaterra, a primogenita da liberdade, sacrificando mais uma vez aos interesses da sua politica os interesses da idea liberal, de que foi por muito tempo a unica representante na Europa, se fazia cúmplice dos oppressores e punha tambem a espada de lord Wellington na balança onde se pesava o preço iniquo do resgate da Europa.

Era a Inglaterra dirigida nestes principios retrogrados pelo ministerio de lord Canning, e de lord Liverpool, que teve em Henry Brougham o mais decidido adversario. Emquanto durou essa politica indigna da grande nação, Brougham não cessou de trovejar contra ella; a sua voz foi a consoladora dos vencidos, que a diplomacia ingleza tão profundamente desanimara. A sua eloquencia selvagem, um tanto rude, impressionando ás vezes desagradavelmente por certas trivialidades grosseiras, e pelas injurias mais grosseiras ainda que arremessava aos adversarios, era como que um ultimo ecco das procellas parlamentares da Convenção Nacional. A florida e classica rhetorica do seu adversario, Canning, se conciliava os suffragios da camara pela corrente melliflua, desmaiava sempre diante da avalanche impetuosa com que Brougham esmagava os seus regrados argumentos.

Em todas as questões decisivas para a liberdade da Europa apparecia na brecha o Demosthenes inglez, intrépido, trovejante, espumante algumas vezes como a sybilla antiga. A Irlanda contou-o no numero dos seus defensores; tomado duma nobre mas exaltadíssima indignação estygmatizou o restabelecimento do absolutismo em Hespanha e Portugal operado pelo exercito francez do duque d'Angoulême; e nessa occasião a sua ira arrastou-o a ponto de dirigir insultos graves ao grande escriptor, visconde de Chateaubriand, principal author dessa medida anti-liberal.

Por este tempo um successo altamente escandaloso, um dos mais escandalosos do presente seculo, servio para levar ao seu auge a gloria de lord Brougham como orador. Fallamos do processo de adulterio, indignamente intentado pelo rei de Inglaterra a sua mulher a rainha Carolina de Brunswick. Repetiram-se no seculo XIX, em pleno parlamento inglez, scenas quasi tão vergonhosas como a que Portugal presenciou no seculo XVII, por occasião do processo de separação entre Alfonso VI e Maria de Saboya. Ah! monarchas cegos chamaes a indignação do mundo e da posteridade para o processo de Maria Antonieta julgada pela Convenção, e não vêdes que sois vós mesmos os que daes o exemplos aos povos, rojando a corôa na lama, e desvelando a um povo avido de escandalos os mysterios das alcovas regias!

Brougham foi o defensor da rainha. A sua voz encontrou nessa nobre causa duma mulher perseguida, vilipendiada, injuriada por aquelle que devia respeitá-la por interesse da sua propria dignidade, notas commoventes, sublimes, repassadas de sentimento, de que ninguem suppunha capaz esse orador impetuoso.

V

Não seguiremos Brougham na sua vasta e esplendida carreira. Seria fazermos a historia parlamentar da Inglaterra no segundo quartel deste seculo. Veriamos o nosso biographado sempre na frente dos reformadores, iniciador audacioso, não temendo tocar nas feridas da constituição ingleza, e sempre que podia cauterizando-as sem piedade.

Assim vel-o-hiamos propor a abolição do trafico negreiro e a emancipação dos escravos, a reforma eleitoral, e reforma da velha legislação ingleza, a reforma da instrucção publica, etc. Teriamos tambem de confessar que a sua nomeação de *lord baronnet*, a sua elevação ao posto importantissimo de chanceller da Inglaterra, sem o fazerem desamparar a bandeira *whig* a cuja sombra sempre combatera, esfriaram, comtudo, um pouco o seu ardor progressista. Ninguem lhe pôde atirar a primeira pedra. Nas elevadas regiões do poder, como nas cumiadas das montanhas, reina sempre uma temperatura bastante inferior á temperatura das planicies. Devemos, comtudo, accrescentar, para honra de lord Brougham, que fez todas as reformas possiveis e praticas no seu posto de chanceller, começando por diminuir sete mil libras annuaes no seu proprio ordenado! Prova de desinteresse que não estamos muito habituados a registrar na biographia dos estadistas!

Depois da revolução franceza de 1848 Brougham retirou-se á vida privada, comprou uma propriedade junto de Cannes, ao sul da França, e no portal da sua residencia inscreveu este distico latino:

INVENI PORTUM; SPES ET FORTUNA, VALETE.
SAT ME LUSISTIS; LUDITE NUNC ALIOS

Este grande homemahi terminou os seus dias deixando na historia moderna da Inglaterra, o nome glorioso de um orador eminente, e na historia da civilisação o nome dum dos seus mais talentosos e constantes propugnadores.

M. PINHEIRO CHAGAS.

PASSATEMPO LITTERARIO

A viagem do Presidente De Brosses pela Italia,
na parte anecdotica e faceta

(Continuado de pag. 140)

II

De Brosses tinha formado um alto conceito da grandeza e excellencias da cidade de Pavia, a cõrte antiga dos reis lombardos; mas a realidade não correspondeu á sua espectativa.

Na praça visinha da cathedral vio uma estatua equestre, que lhe foi inculcada como sendo uma obra prima.—É curioso e engraçado o modo porque De Brosses exprime um juizo, inteiramente opposto á admiracção dos seus cicerones:—«Na praça visinha está uma columna, sobre a qual se vê uma estatua de bronze, montada em um avô de *Rossinante*. Disseram-me que era uma excellente obra dos Romanos, representando o imperador Antonino; mas, a meu juizo, não passa de ser uma obra detestavel de algum Ostrogodo.»—

Em compensação, gostou muito do tumulto de Santo Agostinho, que na igreja dos religiosos gracianos acabava de ser concluido, todo de marmores do oriente, das mais preciosas especies, e de bella execução.

Nessa igreja foi o infatigavel esquadrinhador encontrar um quadro, pendurado na parede—como cumprimento de promessa, e ao mesmo tempo como testemunho de um grande milagre que

fizera Santo Agostinho. Foi o caso: vinha um pobre frade montado pacificamente em uma burrinha, quando de repente um endemoninhado macho põe as patas sobre os hombros do infeliz cavalleiro. Por fortuna, Santo Agostinho, que lá do céu pôde ver o que se passava, desce benigno e rapido á terra, envolto em uma nuvem, e milagrosamente soccorre o bom religioso.

Quereis mal ao viajante, porque tomou nota do que vio?—Confessae que o culpado da irreverencia não é De Brosses; mas sim o parvo, ou o embusteiro que mandou pintar um tal painel,—e, principalmente, quem, tendo authoridade, tolerou que elle fosse exposto aos motejos de maliciosos visitantes.

A religião pura, singela, e, como tal, revestida de veneranda magestade, nada tem de commum com as deploraveis manifestações da superstição, nem, muito menos, com as hypocritas arteirices da especulação ao divino. Onde quer que appareçam esses desvios, devem ser stygmatisados pelo ridiculo, ou combatidos severamente pelo poderoso instrumento da rasão despreoccupada.

—Os leitores sabem que foi Santo Agostinho grande peccador, antes de ser um grande e venerando santo. Logrando a incomparavel fortuna de ouvir prégar Santo Ambrosio em Milão, na paschoa do anno de 307, e abalado tambem pelas lagrimas de sua mãe, recebeu, afinal, a inspiração que o moveu a baptisar-se.

De Brosses foi visitar, em Milão, o convento de Santo Ambrosio. Na cerca desse convento fizeram-no sentar no proprio sitio em que Santo Agostinho teve a inspiração afortunada, que o converteu á fé. O faceto viajante, sempre disposto a gracejar, faz esta declaracção humoristica: «Sentia já estar-me apertando a *graça efficaz*; e ai de mim, se á pressa não fujo do perigo!...»

Ainda as pessoas mais timoratas considerarão como inoffensivo este gracejo, se meditarem nas seguintes ponderações do orthodoxo Bergier:—«Deram a Santo Agostinho o nome de *Doutor da Graça*, em rasão de haver elle derramado muita luz sobre as questões que prendem com o assumpto; mas elle proprio conveyo na obscuridade inseparavel do mesmo assumpto, e na difficuldade que ha em estabelecer a necessidade da *Graça* sem prejuizo da liberdade do homem.»—

Mais frisantes são ainda as seguintes reflexões do mesmo theologo:—«Seria para desejar que se riscasse até a menor lembrança dos erros de Jansenius, e das scenas escandalosas a que esses erros deram occasião. Exemplo é este que, aos theologos deve ensinar a estarem de sobre aviso contra as demasias de rigor, em pontos de opinião e de moral,—a se limitarem aos dogmas da fé,—e a se desprenderem de qualquer systema particular. Se houvesse sido empregado em deslindar questões uteis todo o tempo e todo o trabalho, que hão sido consumidos em escrever *pro e contra* o Jansenismo, teriamos agora, em vez de tantas obras que jazem hoje no esquecimento, muitos livros merecedores de serem conservados para a posteridade.—(1)

—Antes de apontarmos alguns engraçados ditos do nosso folgasão viajante, a proposito da sua visita á *Ilha Bella* do *Lago Maior*, cumpre dizer duas palavras de geographia e historia, que ha

(1) *Dictionnaire de Théologie par l'abbé Bergier. vb. Grace, e Jansenius.*

de ajudar a comprehender melhor o que pretendemos apontar.

Muito nomeado é o Lago Maior (*Lago Maggiore*) da Lombardia, e não menos o são as suas ilhas, ás quaes pozeram o nome de *Borroméas*, da familia Borromeu, Milaneza, a que pertenceram. Tres são essas ilhas: *Isola Bella*; *Isola superiore*, ou *dè Pescatori*; e *Isola Madre*. Desse grupo, ou pequeno archipelago, é mais notavel a *Ilha Bella*, em rasão dos trabalhos e edificações que ali mandou fazer o conde Borromeu em 1670, operando naquelle primitivo rechedo uma metamorphose — verdadeiramente magica.

A esta *Ilha Bella* desejou o nosso viajante ir recrear-se, attraído vivamente pela descripção que lhe fizeram das bellezas que a todos encantam.

Por mais faceto que supponhamos o presidente de Brosses, é certo que tinha elle bastante seriedade no espirito, e assás de gravidade no character, para apreciar o que é bello na ordem moral. Maravilha fôra, pois, que encontrando no seu caminho a memoria veneranda de S. Carlos Borromeu, não a circundasse do respeito e acatamento que ella merece. E assim notou De Brosses a veneração de que no Milanez é objecto o nome de S. Carlos Borromeu, — veneração, que assenta solidamente nos beneficios que este varão illustre espalhou pelos povos, e no muito que foi util e prestavel á humanidade. Admira, em verdade, como um homem que tão pouco tempo viveu sobre a terra (nasceu no anno de 1538, e falleceu no dia 3 de novembro de 1594), podesse fazer tantas cousas, tão grandiosas, em diversos generos, e muitas dellas marcadas com o sello de altos designios em beneficio geral dos povos. A humanidade abençoa este nome querido; e a Igreja conta-o no numero dos santos — sendo muito para notar, que não se demorou ella em o canonisar, pois que, fallecendo Carlos Borromeu nos fins do anno de 1594, Paulo V o canonisou em 1610.

Aos portuguezes é grato o nome de Carlos Borromeu (quando cardeal por occasião do Concilio de Trento), pelas estreitas relações de amisade que teve com o arcebispo de Braga, D. Fr. Bartholomeu dos Martyres. Occupava o throno pontificio Pio IV; — e um dia, em que o arcebispo estava a sós com o papa, entrando o cardeal comecou essa amisade, que tão conformemente sor-teada nos parece.

«E entrando pela casa o cardeal Carlos Borromeu, arcebispo de Milão, seu sobrinho (*de Pio IV*); chamou-o e tomando-o pela mão, disse para o arcebispo: *Bracarense, aqui vol-o entrego; este ha de ser o primeiro que me hareis de reformar.*»

E o elegante chronista do arcebispo, acrescenta: — E não o disse a surdo, que segundo a boa natureza deste santo cardeal, e a estreita amisade que travou com o arcebispo desde o dia que entrou em Roma, se tivera necessidade de reformação, ninguem de melhor vontade a acceitára do arcebispo que elle, etc. — (2)

Mas, voltemos ao nosso viajante. — Ouvira elle gabar tanto as ilhas Borroméas, que se deliberou a sair de Milão, com os seus companheiros; e embarcando em Sésto, entrou no Lago Maior, onde teve um trajecto muito demorado, em ra-

(2) *Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres...* por Fr. Luiz de Sousa.

são de se levantar um furioso vento contrario. Este contratempo affligiria qualquer viajante, mas não a De Brosses, que dahi mesmo tirou partido para rir e galhofar.

— Oh! castigae, por quem sois, este villão ruim de lago, que apesar de não ter vinte leguas de comprimento, e ser aliás muito estreito, ousa arremedar o Oceano, e ter vagas e tempestades! Estou em crer que algum filho da Laponia fez pacto com o espirito maligno, para nos procurar *uma assignatura de ventos contrarios*. Mal tinhamos andado cinco milhas, quando se levantou desesperada a tramontana, etc. —

Emfim, chegou á Ilha Bella, e ficou encantado da perspectiva que ella offerecia, verdadeiramente singular a magica. — Nos edificios de que se compõe o castello havia, ao rez do chão, diversas grutas, distribuidas em salas, todas revestidas de conchas e lindas pedrinhas: dalli alongava-se a vista para todos os lados do lago: e no meio das salas havia repuxos que lançavam cristalinhas aguas sobre bellissimas bacias de marmore. — Nos andares superiores, as salas, de apparencia magnifica, estão cheias de alabastros, de estatuas, de douraduras, e de uma quantidade inumeravel de quadros.

Bem quizera De Brosses demorar-se em examinar os quadros; mas o seu companheiro não lhos deixou ver senão a correr, não obstante asseverar um creado, que servia de cicerone, *ch'erano fatti da un pittorissimo*. De Brosses acrescenta: *A expressão pareceu-me, pelo menos, nova!* — E na realidade, era extravagancia dizer *pittorissimo*, para encarecer o talento do pintor.

— No artigo immediato acompanharemos o nosso viajante até á cidade de Padua. *

Fallando de um sabio, que morrera na maior indigencia, disse alguém:

Murió tan pobre que no pudo dexar a sus hijos, sino el honor de haber tenido tan virtuoso padre. *

UMA OBRA DO SEculo IX

Chronicon albedense

(Continuado de pag. 167)

33. Recaredo, seu filho, reinou XV annos. No principio do seu reinado, abraçando a Fé Catholica, converteu ao verdadeiro culto toda a Nação dos Godos, e num synodo composto de Bispos de Spania e Gallia, confirmou a Fé Catholica. Em uma guerra de Spania, derrotou LX mil inimigos francos. Resplandeceu por sua bondade em todos os tempos do seu reinado, e morreu pacificamente em Toledo, imperando Mauricio.

34. Liuva, seu filho, reinou II annos, e foi morto por Witerico, o que usurpou o throno durante o Imperio de Mauricio.

35. Witerico, reinou VII annos, e ainda que de character pouco bellicoso, alcançou victorias. Foi assassinado em um banquete no Imperio de Focas.

36. Gundemaro, reinou II annos. Fez uma expedição contra os Vascões e destruiu-os. Falleceu naturalmente em Toletto, sendo Eraclio imperador.

(Continúa)